# Atos e evangelhos
## O anúncio de Jesus no terceiro milênio

José Raimundo Oliva

**Introdução: Período apostólico**

Após a morte e ressurreição de Jesus, estabelece-se o período entre os anos 30 e 70 como denominado "período apostólico", durante o qual as comunidades tinham a presença das testemunhas que conviveram diretamente com Jesus. O período entre os anos 70 e 135 é chamado subapostólico por causa do desaparecimento da maioria destas testemunhas, e é neste período que as comunidades de fé assumem uma organização já com caráter institucional, constituindo-se em "igrejas" plurais e diversificadas. Pode-se perceber que Lucas, ao redigir o livro dos Atos dos Apóstolos, provavelmente no fim da década de 80, procura acrescentar às narrações dos evangelhos uma narração específica sobre as experiências de algumas das primeiras comunidades neste período de 40 anos entre a ressurreição de Jesus e a organização das igrejas.

Lucas sofre uma forte influência do "evangelho de Paulo", contudo redige os Atos com uma perspectiva e intenção teológica pessoal, dando freqüentemente interpretações próprias às fontes de que dispôs e apresentando também narrativas de elaboração pessoal, certamente tendo em vista o contexto das comunidades com as quais se relacionava quando escreveu.

**Atos no Novo Testamento**

Em nossa catequese eclesial o conhecimento do Novo Testamento se inicia pelos evangelhos. Aquelas pessoas que se interessam por um aprofundamento maior chegam a tomar contato com os Atos dos Apóstolos e as cartas, praticamente seguindo a ordem destes textos no Novo Testamento. O Apocalipse é muito pouco lido.

É importante termos em vista que a ordem cronológica, isto é, a sucessão histórica das redações destes textos, não é a mesma dos textos impressos no Novo Testamento. Os textos mais antigos são as cartas paulinas, seguindo-se, sucessivamente, os evangelhos sinóticos, Atos, e textos da comunidade joanina (evangelho, cartas e apocalipse de João); as demais cartas, além das paulinas, estão distribuídas entre os anos 60 a 80.

No conjunto dos escritos do NT, seguindo a seqüência, *cartas, evangelhos, Atos* e *Apocalipse*, podemos destacar a originalidade de Atos.

Entre as *cartas* estão as paulinas (década de 50) que são os textos mais antigos do Novo Testamento e são as mais numerosas, destacando-se também as cartas joaninas, que são as mais tardias (década de 90). Com seu gênero literário próprio, elas são documentos doutrinais e parenéticos, com exortações éticas e morais, dirigidos, em nome de uma pessoa, a uma ou mais comunidades.

Os *evangelhos*, constituindo um gênero literário original, com várias fontes em comum, descrevem a "boa-nova" de Jesus; são narrativas centradas na pessoa de Jesus e seus discípulos e o anúncio do Reino.

*Atos* (década de 80), em estilo narrativo e histórico, contém informações sobre o crescimento de comunidades de fiéis a Jesus, embrionárias, ou o surgimento de novas comunidades (em Jerusalém, Palestina, Síria, Ásia Menor, Macedônia, Acaia e Roma), sob a ação de missionários ou apóstolos, sob o clima de "pax romana".

*Apocalipse* (década de 90) liga-se à vida de comunidades na Ásia Menor sob o clima de tribulações e conflitos, com o Império Romano e com doutrinas que entram em choque com o anúncio de Jesus, sejam doutrinas judaizantes ou heréticas. São comunidades vinculadas a Éfeso, que, anteriormente, estiveram sob a influência paulina.

Podemos identificar uma certa proximidade entre Atos e Apocalipse, no sentido de que ambos registram as experiências de vida de conjuntos de comunidades nascentes, embora em décadas e abrangências territoriais de amplitudes diferentes, portanto em contextos diferentes e com abordagens teológicas e literárias também diferentes.

Neste conjunto pode-se perceber a trilogia paulina: cartas, evangelho de Lucas e Atos, e a trilogia joanina: cartas, Evangelho de João e Apocalipse.

Constata-se na narrativa de Atos a existência de outras comunidades, certamente florescentes, que estão implícitas, porém não detalhadas no texto, tais como as de Alexandria, de onde se origina Apolo, as comunidades da Galiléia, onde as sementes foram lançadas diretamente pelo próprio Jesus com seus discípulos, no seu anúncio da salvação, e várias outras que devem ter surgido a partir da efusão do Espírito, citadas em algumas passagens de Atos (por exemplo, nos três "pentecostes": 2,5-11; 4,31; 10,44-48 e 11,15-17)[1]. São comunidades com experiências próprias, em diversos lugares, em contextos diferentes, com outras visões, que nos fazem perceber que o movimento de Jesus, em suas origens, era bastante plural e diversificado.

As comunidades abrangidas por Atos têm como característica a grande influência judaizante que sofrem, de maneira mais intensa por parte da comunidade de Jerusalém, e, até certo ponto, do próprio Paulo. Lucas, insistindo nos vários fracassos de Paulo, ao priorizar o anúncio aos judeus, parece não concordar com esta opção, bem como com a sua insistência em se vincular à "igreja-mãe" de Jerusalém. Assim, Lucas só conclui Atos quando Paulo, em Roma, afirma o anúncio prioritário aos gentios, posição esta já assumida anteriormente por Pedro, Barnabé e os helenistas de Antioquia.

### A marca de Lucas e a diversidade do anúncio em Atos

O Livro de Atos registra algumas tendências do movimento de Jesus, depois de sua morte na cruz, durante as quatro décadas que antecederam as estruturações das comunidades em torno de igrejas locais proeminentes.

1. Nas citações feitas neste artigo, quando referentes ao livro dos Atos dos Apóstolos, dispensamos a referência (At) ao mesmo, a qual se supõe implícita; as referências, nas citações, só serão explícitas quando se tratar de outros livros do Novo Testamento ou do Antigo Testamento.



Nas narrativas de Atos Lucas dá ênfase à ação do Espírito Santo (é mencionado 70 vezes em Atos) como o grande animador dos discípulos de Jesus e das comunidades. Talvez procurasse, assim, colocar em relevo um carisma que lhe pareceria estar sob o risco de ser amortecido pela nova fase institucional das comunidades, configurando-se em "igrejas".

Lucas deixa transparecer uma certa condescendência para com os romanos, mesmo tendo conhecimento, ao escrever sua obra, do martírio de Paulo em Roma, em 67, bem como da deflagração da revolta judaica em 66, e de seu desfecho com o assalto à cidade pelas tropas romanas de Tito e o incêndio do Templo, no ano 70. Na narração dos conflitos de Paulo com os judeus e com o povo sublevado por interesses comerciais, Lucas apresenta sempre as autoridades romanas como protetoras de Paulo, inclusive na sua viagem de cativeiro para Roma. Pode-se pensar que Lucas discordava do movimento revoltoso, identificando-se com a tendência do discurso apocalíptico, que consta em todos os sinóticos, no qual é feita, aos discípulos, a recomendação de abandonar Jerusalém, sede do movimento revoltoso. Mais estranha ainda é a ausência de menção à execução de Paulo em Roma.

A dinâmica da narrativa de Atos é a difusão do anúncio de Jesus a partir de Jerusalém até Roma, passando pela Judéia, Samaria, Síria, Ásia Menor com suas províncias romanas, Macedônia e Acaia. Temos assim um desenvolvimento entre dois pólos: de Jerusalém, centro religioso do judaísmo, a Roma, centro do Império, o que exprime uma tendência própria tanto de Paulo como de Lucas. É o roteiro traçado no envio dos discípulos por Jesus, redigido por Lucas no início de Atos: *sereis minhas testemunhas em Jerusalém, em toda a Galiléia, em toda a Judéia e a Samaria, e até os confins da terra* (At 1,8; Lc 24,47). É difícil entender Roma como sendo os "confins da terra"; pode-se pensar na intenção de Paulo de ir até a Espanha (Rm 15,24.28), o que contudo Lucas não registra em Atos. Diferentemente desta interpretação, em Mateus e Marcos, após a constatação da ressurreição, os discípulos dirigem-se para a Galiléia, de onde deverá partir a missão para todas as nações. Em João o evangelho encerra-se com a aparição do ressuscitado às margens do lago de Tiberíades, na Galiléia, não havendo menção do envio à missão universal.

Dentro de sua visão, Lucas articula a narrativa de Atos em quatro blocos: 1) a atuação dos discípulos de Jesus ("apóstolos") em Jerusalém (1,1–5,42); 2) o movimento de Jesus ampliado, por ação de Pedro e dos helenistas, à Judéia, à Samaria e à Síria, particularmente em Antioquia (6,1–15,35); 3) as viagens missionárias de Paulo (15,36–19,20); 4) ida de Paulo a Jerusalém, cativeiro em Jerusalém, Cesaréia e Roma (19,21–28,31).

Nesta seqüência de narrativas de Atos podemos observar alguns aspectos interessantes no que se refere à diversidade na compreensão do anúncio de Jesus aos povos, por parte de seus discípulos. Podemos destacar três tendências em relação a este anúncio: 1) os hebreus, tendo Jerusalém como centro principal, 2) os helenistas, tendo como centro Antioquia, e 3) Paulo com suas comunidades na Ásia Menor, Macedônia e Acaia.

*1. A comunidade de Jerusalém. O destaque de Pedro*

Em sua narrativa Lucas apresenta, logo no início, a preocupação dos "11 apóstolos" (1,13) em se recuperar o número de 12, com a escolha de Matias, conforme a tradição sinótica[2]. Segundo Mateus, após a morte de Jesus, os "onze discípulos" [sic] teriam se deslocado, a mandado do anjo que anunciou a ressurreição, para a Galiléia, onde em um monte se encontram com Jesus e recebem o envio a "todas as nações" (Mt 28,16-20). Em Marcos, no texto acrescentado ao final do evangelho original, o anjo manda dizer aos discípulos e a Pedro que Jesus os precede na Galiléia e lá o verão. Em João, os discípulos Simão Pedro e Tomé, Natanael, os filhos de Zebedeu e outros dois, encontram Jesus ressuscitado à margem do lago de Tiberíades. Apenas em Lucas as últimas instruções de Jesus ressuscitado são para que os "Onze e seus companheiros" permanecessem em Jerusalém para receberem a "força do alto" (Lc 24,33.49).

Contudo a liderança da comunidade de Jerusalém cabe a Tiago, o irmão do Senhor, como líder dos anciãos, o qual é mencionado parcimoniosamente por Lucas. Quanto a Pedro, percebe-se o seu destaque em relação aos "doze". A comunidade se caracteriza por ser formada predominantemente por discípulos hebreus, judeus convertidos que, conforme a posição influente de Tiago, interpretavam que a adesão à proposta de Jesus implicava também na conversão ao judaísmo. Tiago identificava-se com uma posição extremamente conservadora que implicava na compreensão do seguimento de Jesus como uma continuidade do judaísmo. Daí sua insistência na necessidade das observâncias judaicas para os convertidos, particularmente por ocasião da discussão, em Jerusalém, sobre a controvérsia surgida em Antioquia, levantada pelos helenistas, momento em que Lucas registra o único discurso de Tiago em Atos. Tiago é martirizado, por apedrejamento, no ano 62, por mandado do sumo sacerdote Anano, e a comunidade de Jerusalém é dispersada, por ocasião da revolta judaica e do assalto à cidade pelas tropas de Tito, com o incêndio do Templo, no ano 70[3].

Na comunidade de Jerusalém Lucas dá um grande destaque à figura de Pedro, cujo nome algumas vezes é acompanhado com o de João, registrando vários discursos seus. Pedro se dirige à multidão por ocasião da efusão do Espírito, cura um aleijado e fala ao povo, é preso duas vezes e, nas duas, fala ao sinédrio, e tem uma fundamental importância inovadora nos episódios das conversões da Samaria, particularmente na sua atuação junto ao centurião romano, em Cesaréia, e, depois, na sua atuação na assembléia de Jerusalém, para a discussão sobre as práticas de Paulo e Barnabé e da comunidade de Antioquia em geral, em relação aos pagãos convertidos.

Pedro, a partir de sua experiência com as comunidades surgidas na Samaria, adota uma firme postura de acolhimento e pela independência dos discípulos pagãos convertidos em relação ao judaísmo. Pedro, que era um dos hebreus, pode-se dizer que

2. Dos doze nomes dos apóstolos, da tradição evangélica, em Atos só encontramos narrativas referentes a Pedro, cujo nome vem freqüentemente acompanhado do nome de João, e uma referência ao martírio de Tiago, irmão de João, decapitado no ano 40. Convém lembrar que Tiago, irmão do Senhor, não está incluído na relação dos apóstolos.

3. Os estudos exegéticos, atualmente, têm permitido interpretações no sentido de minimizar o papel central da comunidade de Jerusalém dentre as demais comunidades, admitindo-se que o movimento de Jesus, desde suas origens, tenha sido maior na Galiléia e Síria, ou seja, no norte, onde cresceu, desde os inícios, na convivência entre judeus e gregos.



passa por uma grande conversão, e chega à posição final quanto aos gentios convertidos e sua relação com o judaísmo: é a prática da justiça que é agradável a Deus, e não as observâncias judaicas. A perspectiva universalista, em Atos, nas tradições relativas a Pedro, colhidas por Lucas, aparece com bastante clareza nas posições tomadas por Pedro. Ele já afirma sua autonomia em relação às autoridades judaicas em seus pronunciamentos, em duas ocasiões diferentes, diante do Sinédrio: *Julgai se é justo, aos olhos de Deus, obedecer mais a vós do que a Deus* (4,19) e: *É preciso obedecer antes a Deus do que aos homens* (5,29). Destacam-se em seus discursos, em três momentos distintos, afirmações muito significativas de Pedro:

1. na visita à casa do centurião romano, em Cesaréia, Pedro fala-lhe amigavelmente:

> *Bem sabeis que é ilícito a um judeu relacionar-se com um estrangeiro ou mesmo dirigir-se à sua casa. Mas Deus acaba de mostrar-me que a nenhum homem se deve chamar de profano ou impuro* (10,28)

e

> *Tomando então a palavra, Pedro falou: "Dou-me conta, em verdade, de que Deus não faz acepção de pessoas, mas que, em qualquer nação, quem o teme e pratica a justiça, lhe é agradável"* (10,34-35).

2. em Jerusalém, diante dos discípulos hebreus, ao narrar esta sua experiência na Samaria:

> *Portanto, se Deus lhes concedeu o mesmo dom que a nós, que cremos no Senhor Jesus Cristo, quem seria eu para poder impedir Deus de agir?* (11,17).

3. novamente em Jerusalém, em uma assembléia dos apóstolos e dos anciãos, no debate sobre a controvérsia surgida em Antioquia, em resistência às exigências de práticas judaizantes:

> *Irmãos, vós sabeis que, desde os primeiros dias, aprouve a Deus, entre vós, que por minha boca ouvissem os gentios a palavra da Boa-Nova e abraçassem a fé. Ora, o conhecedor dos corações, que é Deus, deu testemunho em favor deles, concedendo-lhes o Espírito Santo assim como a nós. Não fez distinção alguma entre nós e eles, purificando seus corações pela fé. Agora, pois, por que tentais a Deus, impondo ao pescoço dos discípulos um jugo que nem nossos pais nem mesmo nós pudemos suportar? Ao contrário, é pela graça do Senhor Jesus que nós cremos ser salvos, da mesma forma como também eles* (15,7-11).

A assembléia acolhe os argumentos de Pedro, silencia e ouve as narrações de Paulo e Barnabé. Porém, em seguida, Tiago toma a palavra e impõe ainda algumas observâncias aos gentios convertidos, as quais, depois, Paulo transmite às comunidades (16,4).

Depois deste último episódio em Jerusalém, Pedro desaparece de cena no livro de Atos.

Pode-se perceber o interesse de Lucas em registrar nestas passagens a memória de Pedro como apóstolo dos gentios e firmemente discordante quanto à questão da im-

posição das observâncias judaicas aos pagãos convertidos, o que entra em choque com a narrativa de Paulo, que, falando sobre este mesmo episódio em Jerusalém, reivindica para si esta iniciativa de apóstolo dos gentios:

> *...vendo que a mim fora confiado o evangelho dos incircuncisos como a Pedro o dos circuncisos, pois aquele que estava operando em Pedro para a missão dos circuncisos operou também em mim em favor dos gentios...* (Gl 2,7s),

e mais adiante, com um certo teor de rudeza:

> *Mas quando Cefas veio a Antioquia, eu o enfrentei abertamente, porque ele se tinha tornado digno de censura. Com efeito, antes de chegarem alguns vindos da parte de Tiago, ele comia com os gentios, mas, quando chegaram, ele se subtraía e andava retraído, com medo dos circuncisos. Os outros judeus começaram também a fingir junto com ele, a tal ponto que até Barnabé se deixou levar pela sua hipocrisia* (Gl 2,11-13).

Na descrição feita por Paulo em Gálatas desta mesma assembléia de Jerusalém, percebe-se duas outras contradições com a narrativa de Lucas. Paulo alega, em favor de sua posição de respeito aos gentios e liberdade em relação às "obras da Lei", não ter circuncidado Tito (Gl 2,3), porém Lucas, em Atos, narra que ele circuncidou Timóteo, *por causa dos judeus que havia naqueles lugares* (16,3). E também Paulo não menciona a imposição, por parte de Tiago, das observâncias judaizantes, narradas em Atos e, pelo contrário, afirma que após sua exposição diante da assembléia *...os notáveis nada me acrescentaram...* (Gl 2,6).

Vê-se que Lucas, em Atos, apresenta Pedro com uma posição de maior liberdade em relação aos judeus e de abertura aos gentios, mais em correspondência ao envio de Jesus (10,34-43; 11,15-18; 15,7-11), e Paulo com uma posição de priorizar o anúncio aos judeus e manter a unidade com a comunidade centrada em Jerusalém. Depois dos vários reveses sofridos por parte de Paulo, relatados por Lucas, ele chega finalmente à conclusão de priorizar o anúncio aos gentios (28,28), e então Lucas encerra sua narrativa.

Qual das duas versões será mais fiel aos fatos: a de Lucas, que apresenta e interpreta, com sua visão teológica, as fontes coletadas em suas pesquisas (Lc 1,3), ou a de Paulo, também com sua visão própria e que parece que teve interpretações muito pessoais em relação a Marcos e Barnabé (Gl 2,13; At 15,37-40), no que se refere às suas opções missionárias, rompendo com eles durante um certo tempo?

Pedro, que já tinha uma liderança na região da Galiléia (Mc 8,29), assume a liderança da igreja incipiente, após a morte de Tiago e a dispersão da comunidade de Jerusalém (Mt 16,16-19; Jo 6,67-69; 21,15-17).

### *2. Os discípulos helenistas*

Os helenistas eram os judeus de língua grega convertidos ao movimento de Jesus, integrantes da diáspora ou mesmo moradores em Jerusalém. Eles aparecem na narração de Atos quando, em Jerusalém, surge uma insatisfação entre eles, os helenistas, em relação aos discípulos hebreus, judeus de língua aramaica e de cultura tradicional judaica, em vista de uma situação de exclusão das viúvas helenistas na comunidade. Na realidade pode-se perceber que o problema era maior do que este, discretamente mencionado por Lucas, e que havia uma discriminação da liderança hebraica em relação aos discípulos helenistas. Os Doze convocaram então uma assembléia, na qual foram escolhidos sete helenistas para "servir às mesas". Ficava assim restrita e delimitada a tarefa dos helenistas, enquanto caberia exclusivamente ao grupo hebreu a oração assídua e o ministério da Palavra (6,1-6).

Contudo os helenistas ultrapassam os limites que lhes foram impostos e logo se dedicam à pregação de maneira ousada. Agem com uma atitude profético-crítica em relação à Lei, ao Templo e às observâncias, com uma postura de liberdade face ao judaísmo, o que suscita a reação dos judeus. A primeira vítima é Estêvão que sob o beneplácito do sumo sacerdote é martirizado por apedrejamento. O longo discurso de Estêvão (7,1-54) exprime a visão profética do grupo dos helenistas. Desencadeia-se uma perseguição contra os helenistas, que então se dispersam pelas regiões da Judéia, da Samaria e da Síria. Contudo os apóstolos, hebreus, permanecem na cidade, possivelmente contando com a proteção do rabino Gamaliel. Surgem assim novas comunidades nessas regiões, a partir do anúncio da Palavra de Deus por parte destes helenistas perseguidos. Foram formadas comunidades, assim, também em Damasco e em Antioquia. A comunidade de Antioquia, uma das maiores cidades do Império Romano, com quinhentos mil habitantes, desempenhou um papel importante na difusão do anúncio da Palavra de Deus. Barnabé, helenista que se deslocou de Jerusalém para aí, era uma figura de projeção na comunidade e foi ele quem convidou Paulo de Tarso a integrar-se na mesma. A comunidade gozava de certa independência em relação à comunidade dos "apóstolos" de Jerusalém e levantou questionamentos em relação à imposição de observâncias judaicas aos convertidos pagãos, observâncias estas que eram exigidas pelos discípulos hebreus. Pressionados por estes questionamentos, os "apóstolos" em Jerusalém convocaram uma assembléia, na qual se fizeram presentes Barnabé e Paulo, enviados de Antioquia, e conseguiu-se uma relativa ruptura em relação a tais observâncias.

### *3. Paulo e suas comunidades*

A partir de Antioquia cresce o desempenho de Paulo de Tarso. Integrado na comunidade pelo convite de Barnabé, faz com ele uma viagem a Chipre e à Panfília, Psídia e Licaônia, na Ásia Menor, enviados pela comunidade helenista de Antioquia. Algum tempo depois, por iniciativa pessoal, passa a exercer seu ministério próprio, a partir das cidades que já havia visitado com Barnabé, ampliando, ainda, esta área de atuação ao leste da Ásia Menor, à Macedônia e à Acaia em três viagens missionárias, animando as comunidades existentes ou fundando novas comunidades de convertidos ao seu "evangelho". Associadas a estas comunidades, Paulo escreveu as suas diversas cartas, e, prisioneiro, chegou até Roma, onde também atuou. Estas suas viagens e cartas marcaram profundamente as igrejas surgidas destas comunidades sob sua influência. Contudo, podemos observar que em Éfeso, onde Paulo atuou intensamente, fortaleceu-se bastante a igreja de influência joanina, nas últimas décadas do primeiro século.

A posição de Paulo apresenta certas semelhanças com a posição dos helenistas, porém traz marcas muito profundas de sua formação e aprimorada cultura judaica e urbana bem como de seu temperamento. Pode-se perceber bem suas características muito pessoais e a sua relativa independência em relação ao judaísmo.

**O anúncio em Paulo**

Em Atos as narrativas mais longas se relacionam com a atividade missionária de Paulo, embora as outras experiências missionárias narradas, tais como a missão de Pedro na Samaria e a missão dos helenistas, também na Samaria e na Síria, como vimos acima, tenham também sua importância. Embora Lucas tenha uma certa autonomia em relação a Paulo, certamente Atos é bastante marcado pelo estilo paulino de anúncio da Palavra.

Após sua conversão Paulo fica pouco tempo em Damasco, dirigindo-se em seguida para a Arábia, onde permanece cerca de três anos[4] (Gl 1,17-18), voltando depois para Damasco, onde permanece novamente por pouco tempo, tendo que fugir por estar perseguido de morte pelos judeus (9,23-25). Vai para Jerusalém, onde também é perseguido de morte, e assim os irmãos o conduzem para Cesaréia, e daí parte para Tarso, onde, depois de cerca de dez anos (veja nota 4), é procurado por Barnabé para integrar a comunidade de Antioquia (11,25-26).

Em seu retiro na Arábia e, depois, durante o seu recesso de 8 a 10 anos em Tarso, Paulo certamente fez uma releitura do Antigo Testamento, e nesta releitura identifica, em Jesus, a realização das crenças farisaicas da ressurreição (23,6) e da expectativa messiânica. A narrativa dos "Discípulos de Emaús" em Lucas (Lc 24,13-33) parece refletir esta experiência do próprio Paulo e o seu "evangelho", assimilado na tradição das comunidades paulinas:

> *"Insensatos e lentos de coração para crer tudo o que os profetas anunciaram! Não era preciso que o Cristo sofresse tudo isso e entrasse em sua glória?" E, começando por Moisés e por todos os Profetas, interpretou-lhes em todas as Escrituras o que a ele dizia respeito.*

Teríamos assim a trajetória da teologia paulina: das escrituras (AT) à visão do Cristo ressuscitado, após sua passagem pela morte.

Em suas epístolas, Paulo se refere freqüentemente ao "meu evangelho". Uma longa redação seria necessária para tentarmos entender em detalhe o "evangelho" de Paulo. Contudo podemos afirmar sucintamente, com as imperfeições daí decorrentes, que a sua característica fundamental, resultante da releitura do Antigo Testamento, sob a luz do testemunho dos discípulos de Jesus, por ele perseguidos, e dos discípulos com os quais se relacionou em Damasco, é o anúncio da morte e ressurreição de Jesus como fato salvador para toda a humanidade e princípio da ressurreição oferecida a todos, seguindo-se anúncios parenéticos e éticos de um novo comportamento, do que resulta o "homem novo".

4. No costume judeu, na contagem de um período de tempo, mesmo que este período se iniciasse ou terminasse em qualquer momento no decurso de um ano, contava-se o ano todo; assim 3 anos podem corresponder, na realidade, a um período entre 1 a 3 anos. Aventa-se a possibilidade de que, nesta sua viagem, Paulo tenha peregrinado até o Sinai, para uma meditação tendo presente a memória de Moisés e Elias.



Associada à perspectiva da morte e ressurreição de Jesus, na Primeira Carta aos Coríntios, Paulo dá um destaque à "ceia do Senhor":

> *Com efeito, eu mesmo recebi do Senhor o que vos transmiti... Todas as vezes, pois, que comeis desse pão e bebeis desse cálice, anunciais a morte do Senhor até que ele venha* (1Cor 11,23-27).

Vê-se como, em seu estilo bastante personalizado, Paulo atribui ao Senhor o que ele recebe da comunidade. Em Atos encontramos um registro da "fração do pão" por ocasião da reunião dos discípulos com Paulo, por ocasião da sua passagem em Trôade (20,7-12).

Paulo, em suas cartas, não faz nenhuma referência ao Jesus humano, com suas experiências de convívio com os homens de seu tempo e sua experiência sócio-religiosa, em confronto com o judaísmo e com o Império Romano, aspectos estes que estão bastante detalhados nos evangelhos redigidos posteriormente, com a incorporação e interpretação das diversas tradições coletadas sobre Jesus. Em uma única passagem de Paulo encontramos: *Jesus, nascido de mulher...* (Gl 4,4); em outra passagem ainda encontramos: *nascido da estirpe de Davi segundo a carne* (Rm 1,3). A mensagem central de seu "evangelho" e de seu anúncio é a "morte e ressurreição", que é modestamente acolhida entre os judeus, pois apenas os fariseus aceitavam a ressurreição. Este anúncio é mais entusiasticamente aceito no mundo helênico, onde as insatisfações em relação ao Império Romano deixavam grandes frustrações e esperanças de propostas de um mundo melhor. Além disso os gregos encontraram, neste anúncio, afinidade com algumas de suas correntes filosóficas e religiosas, particularmente movidos por uma certa interpretação, a que o anúncio dava margem, no sentido de uma perspectiva dualista, corpo e espírito, dominante na sua cultura.

A redação de Atos certamente sucedeu à redação dos sinóticos, particularmente do evangelho de Lucas. Contudo, na época em que acontecem os episódios narrados em Atos não existiam os evangelhos, tais como se apresentam hoje, pois estes foram redigidos a partir da década de 60. Particularmente as cartas de Paulo foram escritas sem este apoio dos textos evangélicos, que para nós hoje são tão conhecidos. As narrativas sobre a vida de Jesus estavam esparsas entre os discípulos e o povo em geral. A ausência de referências em suas cartas, sobre a vida de Jesus, pode levar à conjetura de que Paulo parece não ter se interessado detalhadamente e amplamente por estes relatos, testemunhados pelos discípulos de Jesus, mas ateve-se principalmente à releitura do Antigo Testamento sob a perspectiva da ressurreição associada à esperança messiânica, com destaque, também, da figura do Servo Sofredor de Isaías. O seu "evangelho" apresenta o Jesus ressuscitado, glorioso e cheio de poder, o Messias ou Cristo, que é o Senhor[5]. A palavra "messias", ou "cristo", era um título reservado àquele que, em cor-

5. Messias vem do hebraico "mashîah", e significa ungido, relacionada à unção real; na tradução dos Setenta a palavra correspondente grega é cristo, "khristós". "Senhor" é a tradução da palavra grega "kyrios", significando poder, autoridade.

respondência à expectativa messiânica davídica, se tornaria o rei glorioso que restabeleceria o reino de Israel. Paulo a atribui a Jesus de maneira tão convincente que até chega a incorporá-la a seu nome: Jesus Cristo. Pode-se pensar que a denominação de "cristãos", que passou a ser atribuída aos discípulos de Jesus, tenha resultado também da influência de Paulo. *Entretanto, partiu Barnabé para Tarso, à procura de Saulo. De lá, encontrando-o, conduziu-o a Antioquia. Durante um ano inteiro conviveram na Igreja e ensinaram numerosa multidão. E foi em Antioquia que os discípulos, pela primeira vez, foram chamados de "Cristãos"* (11,25-26). Lucas associa a chegada de Paulo e seu ensino à denominação de "Cristão" (destacada, com maiúscula, no texto grego) atribuída aos discípulos.

A expectativa messiânica davídica e judaica estava profundamente arraigada na cultura e nas aspirações do povo judeu e, particularmente, dos próprios discípulos, que transferiram para Jesus os conteúdos desta expectativa.

**Os evangelhos e Atos**

Pode-se notar a diferença entre o Jesus dos Evangelhos e o Jesus de Atos.

Nos evangelhos, o de Lucas inclusive, a narrativa se desenvolve em torno do Jesus, presença de Deus feito homem, na história dos homens e mulheres, com a recordação de seus atos e suas palavras. Em Atos, temos como eixo central o anúncio da ressurreição de Jesus, como Cristo e Senhor, que se apresenta cheio de poder e glória; a narrativa destaca também a ação do Espírito Santo, anteriormente prometido por Jesus, naqueles que fazem este anúncio e nas próprias comunidades que recebem a mensagem.

Podemos até pensar que os evangelistas, percebendo a ausência do Jesus humano, histórico no anúncio hegemônico paulino, que abrangia muitas comunidades, julgaram importante o resgate das memórias deste Jesus, presentes ainda entre discípulos e populações que conheceram Jesus, particularmente na Galiléia.

Nos evangelhos, Jesus de Nazaré é um homem que vive cerca de trinta anos de maneira absolutamente comum como os demais mortais, nada havendo que o destacasse maravilhosamente dos demais humanos. *Não é este o carpinteiro, o filho de Maria, irmão de Tiago, Joset, Judas e Simão? E as suas irmãs, não estão aqui entre nós?* (Mc 6,3). Em um dado momento de sua vida é atraído pela pregação de João Batista. João, com características de essênio, e não de judeu. João não procura Jerusalém e o Templo, o centro do judaísmo, mas sim o deserto, próximo ao Jordão onde, na narrativa bíblica, se iniciou a ocupação da terra por Josué. João não remete o povo ao Templo para se purificarem dos pecados, mas anuncia, a partir do deserto, uma conversão a uma ética baseada na prática da justiça, no que encontramos semelhanças com os discursos de Pedro, pela qual se alcança o perdão dos pecados. João é nitidamente um profeta inserido na tradição de Israel (reino do Norte), no modelo de Elias. Jesus é galileu sob a influência de um judaísmo periférico e mitigado e até desprezado: *De Nazaré pode sair algo de bom?* (Jo 1,46), *Porventura pode o Cristo vir da Galiléia?*, e se identificava com "este povo, que não conhece a lei, são uns malditos" (Jo 7,49). Maior do que a rejeição aos galileus, havia a rejeição aos samaritanos, remanescentes de Israel, mas separados da comunidade



judaica e desprezados pelos judeus que os julgavam caídos na heresia e que se consideravam os verdadeiros herdeiros da eleição e da promessa.

Jesus, ao subir à montanha, na narrativa da transfiguração, confirma, invertendo, os papéis de Moisés e Elias: Moisés e Elias sobem à montanha e encontram o Deus altíssimo, celestial; Jesus, Deus encarnado, histórico, sobe à montanha e encontra Moisés e Elias. Jesus não se identifica com Davi ou com qualquer messias de sua dinastia e prenuncia a destruição do Templo e as tribulações em Jerusalém (Mc 13,1-23), que eram os pilares do judaísmo.

O anúncio das bem-aventuranças apresenta o programa histórico dos discípulos de Jesus que significa a realização do Reino de Deus: da pobreza à luta pela justiça. É, também, a prática da justiça que aparece como destaque na pregação de João e como essencial para ser agradável a Deus, na fala de Pedro.

Nas narrativas dos evangelhos Jesus rejeita quaisquer expectativas gloriosas em relação à sua pessoa, tais como messias, filho de Davi, sentar no trono, não sofrer, etc., apesar da insistência dos discípulos neste sentido. Ao contrário desta imagem evangélica, em Atos, bem como na teologia paulina, Jesus é apresentado exclusivamente na sua dimensão de ressuscitado, como o Cristo glorioso e poderoso, com um *status* adquirido após o aniquilamento da sua condição humana original pela morte, na cruz.

A vida de Jesus de Nazaré, pelo seu caráter divino e pela qualidade de seus atos, só pode ser eterna. A morte sofrida por Jesus não extingue o caráter de eternidade de sua vida humana, a qual, por si mesma, significa a vitória sobre a morte, a ressurreição. Paulo anuncia: *...se nos tornamos uma só coisa com ele por uma morte semelhante à sua, seremos uma coisa só com ele também por uma ressurreição semelhante à sua...* (Rm 6,5). Podemos também ter a compreensão de que, se vivermos como o Jesus histórico, estaremos na eternidade e não tememos a morte e a eternidade de nossa vida não será extinta pela morte. As narrativas da ressurreição, após a morte de Jesus, vêm em apoio à nossa fraqueza e se constituem em força de convencimento da realidade da permanência de Jesus na eternidade e na história. Contudo podem ter contribuído para uma espiritualidade de desprezo pela vida presente, com seus compromissos históricos, e até de aceitação passiva de qualquer forma de sofrimento, em vista da esperança de uma vida futura gloriosa.

**O anúncio do espírito ao novo milênio: Jesus está vivo nas comunidades**

Após a morte de Jesus, parece que os discípulos se sentiram à vontade para dar vazão às suas aspirações messiânicas judaicas e kyriológicas helenísticas, ornando a consciência da permanência de Jesus vivo nas comunidades com narrativas gloriosas marcadas por manifestações de poder do ressuscitado.

Os discípulos tinham a presença iluminadora do Espírito Santo, porém a ação deste Espírito não é fulminante, como na narrativa do evento de Pentecostes. A ação do Espírito é suave e segue o ritmo do amadurecimento humano e histórico, sendo passível, inclusive, de encontrar resistências nos corações. Considere-se que desde as

promessas e do *ato de fé de Abraão* (Gn 15,6; Rm 4,3) até ao nascimento de Jesus, decorreram, conforme a cronologia literal bíblica, 1800 anos... Na nossa era cristã, nestes dois milênios passados, temos marcas dolorosas de fatos que revelam o choque com o Espírito, dentre os quais lembramos: as cruzadas e a inquisição, em nome de Cristo, o genocídio dos índios nas Américas pelos cristãos europeus, e hoje os extermínios e genocídios dos pobres, pela exclusão ou pelas guerras econômicas localizadas, a partir dos países cristãos ocidentais aliados ao estado de Israel e a alguns países árabes, identificados com o neoliberalismo.

O movimento bíblico no século XX, como que preparando este novo milênio, foi inspirado no sentido do resgate do Jesus divino em sua dimensão histórica, com um agir direcionado à libertação da opressão e à restauração da vida, comprometido com alegrias e tristezas, lutas e conquistas, prazeres e dores de todos nós, de nossas comunidades, de nossos povos.

A realidade da encarnação de Jesus, como se pode perceber bem nos evangelhos, significa a identificação de Deus com os pobres, pequenos, humildes, excluídos, e suas experiências de vida, e não com a instituição judaica do Templo, do sacerdócio, das observâncias e do triunfalismo metropolitano de Jerusalém.

O Jesus dos evangelhos, na piedade popular, continua nas devoções às testemunhas históricas, encarnadas, canonizadas ou não: Maria, Francisco de Assis, Antônio, Sebastião, Pe. Cícero, Fr. Damião, etc., devoção ao Sagrado Coração, e a própria tradição da oração, sempre atual, que tem em Jesus o seu modelo, à qual associou-se a tradição dos peregrinos, que hoje está sendo resgatada por alguns grupos entre nós. São devoções que se inclinam ao Jesus humano e não ao Cristo glorioso. Foi marcante, no sentido do avanço das devoções para o plano mais social, no século XIX ainda, a obra do leigo Frederico Ozanan, no sentido do comprometimento das devoções com os problemas sociais, dando origem aos vicentinos, ainda hoje presentes em nossas comunidades. A "vida oculta de Jesus", no período que antecede o início de seu magistério, tem um grande sentido e inspirou a espiritualidade de Charles de Foucauld em sua vida e Pe. Voillaume na proposta do testemunho de vida dos "irmãozinhos de Foucauld". Jesus vive no povo pobre, humilde, excluído, sem manifestações gloriosas.

A segunda metade do século XX foi marcada por um sopro do Espírito, principalmente com o Concílio Vaticano II, recuperando para a Igreja Católica o seu sentido comunitário, com a compreensão de sua diversidade e pluralidade. Surgiram, a partir dos países explorados economicamente, e portanto com uma população mais pobre, os movimentos comunitários, tais como as CEBs atuantes ainda hoje. Animados pelo Espírito de justiça, encontramos hoje os grupos que lutam pelo acesso do pobre à terra, pela cidadania, pelos direitos da mulher, pela ecologia, e várias outras formas de resgate da vida e da dignidade humana. Vemos ainda as várias manifestações de massa, mesmo nos países de capitalismo central, contra o processo desumanizante do neoliberalismo.

O Espírito sopra hoje e revela que, se Deus não se encarnou em Jesus, presente em nossas comunidades, nossa fé é vã.



**Bibliografia**


BROWN, Raymond E. *As igrejas dos apóstolos.* São Paulo: Edições Paulinas, 1986.

CENTRO BÍBLICO VERBO. *No caminho das Comunidades*. São Paulo: Paulus, 2001.

COMBLIN, José. *Atos dos Apóstolos*. Vols. I e II. Petrópolis: Vozes/Editora Sinodal/Imprensa Metodista, 1989.

DIVERSOS AUTORES. *Atos dos Apóstolos: ontem e hoje.* Estudos Bíblicos, n. 3. Petrópolis: Vozes, 1984.

DIVERSOS AUTORES. *Cristo em Marcos*. Revista de Cultura Bíblica. São Paulo: Edições Loyola, 1997.

DIVERSOS AUTORES. *Evangelhos sinóticos e Atos dos Apóstolos*. São Paulo: Edições Paulinas, 1986.

DIVERSOS AUTORES. *O Espírito de Jesus rompe as barreiras*. Coleção "A Palavra na Vida". São Leopoldo: CEBI, 2001.

EICHHOLZ, Georg. *El Evangelio de Pablo*. Salamanca: Ediciones Sígueme, 1977.

GARAUDY, Roger. *Deus é necessário?* Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1995.

HOORNAERT, Eduardo. *O movimento de Jesus*. Petrópolis: Vozes, 1994.

KÜMMEL, Werner Georg. *Introdução ao Novo Testamento*. São Paulo: Paulus, 1982.

LOHSE, Eduard. *Contexto e ambiente do Novo Testamento*. São Paulo: Paulinas, 2000.

MACKENZIE, John L., SJ. *Dicionário Bíblico*: São Paulo: Paulinas, 1984.

MATEOS, Juan/CAMACHO, Fernando. *Jesus e a sociedade de seu tempo*. São Paulo: Paulus, 1992.

MYERS, Ched. *O evangelho de S. Marcos*. São Paulo: Paulinas, 1992.

NOLAN, Albert. *Jesus antes do Cristianismo*. São Paulo: Paulinas, 1988.

RICHARD, Pablo. *O movimento de Jesus depois da ressurreição*. São Paulo: Paulinas, 1999.

SEGUNDO, Juan Luis. *A história perdida e recuperada de Jesus de Nazaré*. São Paulo: Paulus, 1997.

VELASCO, Rufino. *A Igreja de Jesus.* Petrópolis: Vozes, 1996.



*José Raimundo Oliva*
Rua Tabatinga, 84
50640-210 Recife, PE
Telefone: (81) 3228.2117
jraimundooliva@hotmail.com